



Director literario:  
*António de Sousa*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

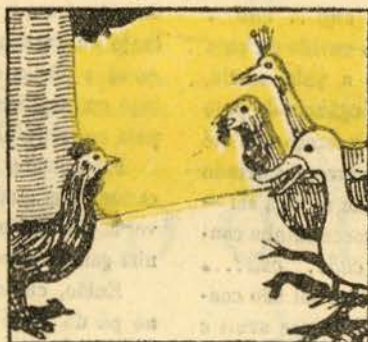
**O SECULO**

Director artistico:  
*Luís de Hollanda*  
PAPUSSE

# Mestre Galo era um cantor



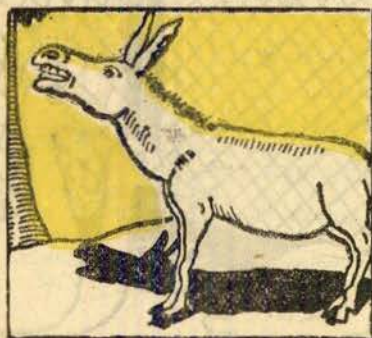
*Mestre Galo era um cantor  
Que se julgava contralto,  
Porque cantava mais alto  
Do que o mais alto tenor.*



*Seus vizinhos: — um pavão,  
Um peru e um pato ganso,  
Chamavam-lhe às vèzes tanso,  
Fartos de tal vozeirão,*



*Mas o galo respondia:  
— «Quem assim tão alto canta,  
E' porque tem na garganta  
Um tesouro de harmonia!»*



*Mas nisto, sem se esperar,  
Com um ar grave e casmurro,  
Aparece perto um burro  
Que principia a zurrar!*



*Cala-se o Galo; entretanto,  
Ganso, pavão e peru,  
Então preguntam-lhe: — «ó tu...  
Que dizes deste alto canto?» —*



*— «Quem consegue dar tal zurre,  
Quem assim canta tão alto,  
E' baritono, é contralto,  
E' tenor ou é... um burro?»*



# AS PATAS CHOCAS

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA  
Desenhos de EDUARDO MALTA

**E**RA uma vez um patinho corcunda, casado com uma patinha marreca.

Um dia entrou para a capoeira um casal de patos gansos. Então, o pato marreco com ciúmes da patinha corcunda: — *cuá... cuá... cuá!... cuá... cuá... cuá!* . . começou a trocar do pato ganso, ao ouvido da pata marrequinha. E dizia baixinho, enquanto a pata sorria, admirando, contudo, lá bem no íntimo, a elegância do pato ganso: — «Repara, repara naquele enorme pescoço que até parece uma cobra branca!» Mas a patinha marreca, sorrindo dos ciúmes do pato corcundinha, pensava de si para si: — que linda cobra, que lindo pescoço!» E o corcundinha continuava todo cheio de inveja: — *«cuá... cuá... cuá!... repara, repara naquelas penas de neve, onde o sol não consegue pôr reflexos de ouro como nas nossas penas azuis e verdes doiradas!»* Mas a patinha marreca, sorrindo dos ciúmes do pato corcundinha, scismava e dizia de si para si: — «Que pena não termos penas assim, tão brancas, tão alvas, tão lindas, tão belas!»

— *Cuá... cuá... cuá!... ria o pato marreco, vendo o ganso com o pescoço às voltas, ora debicando nas penas da cauda, ora coçando com o bico amarelo, achatado, a plumagem do papo: — «cuá... cuá... cuá!... cuá... cuá... cuá!... Lembra um cesto com asa! cuá... cuá... cuá!... Parece uma terrina de louça! cuá... cuá... cuá!... parece... parece a caricatura de um cisne!»*

Então, a pata marrequinha, percebendo que era um sentimento de inveja o que o fazia falar daquela maneira, não se conteve mais que lhe não dissesse: — «Pois sim, mas quem me dera que dos meus ovinhos nascessem patos tão lindos!»

— «Deus me livrasse de termos filhos tão exquisitos!» retorquiu o pato corcunda, ainda mais mordido de ciúme e de inveja.

Entretanto a pata marrequinha ia pondo os seus ovos a um canto da capoeira, enquanto a patinha gansa ia também pondo os seus num outro cantinho ao lado. Até que, um belo dia, chocaram as duas patas,

do serviço da criação. E uma nova criada, por sinal muito lorpa, veio substituí-la.

Entrando na capoeira, a nova serviçal, sem saber ao certo quais seriam os ovos da patinha marreca e quais os da pata gansa e porque bem pensasse que as duas patinhas tanto chocariam uns como outros, pegou nos ovos da pata gansa e pô-los debaixo da patinha marreca, indo colocar, logo em seguida, debaixo da patinha gansa os ovinhos da pata marrequinha.

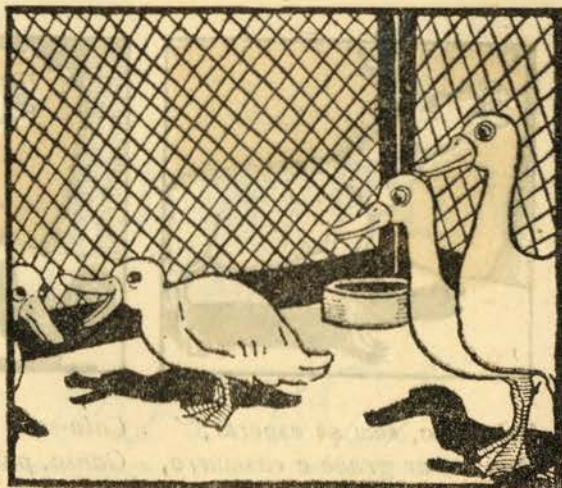
Finalmente, decorridas quatro semanas, os patinhos nasceram. Mas qual não foi a surpresa do patinho corcunda ao ver a patinha marreca cercada de patinhos gansos e a patinha gansa cercada de filhos corcundinhas.

Então, cheio de vaidade, o patinho marreco chegou-se ao pé da pata corcunda e segredou-lhe com ar de grande toleima:

— «Vês...?! Fiz-te a vontade. Quizeste que eu te desse filhos airosos, elegantes, aí os tens!...»

E cheio de vaidade, acercou-se do outro pato e pôs-se a rir às gargalhadas, troçando dos filhos corcundinhas da pata gansa:

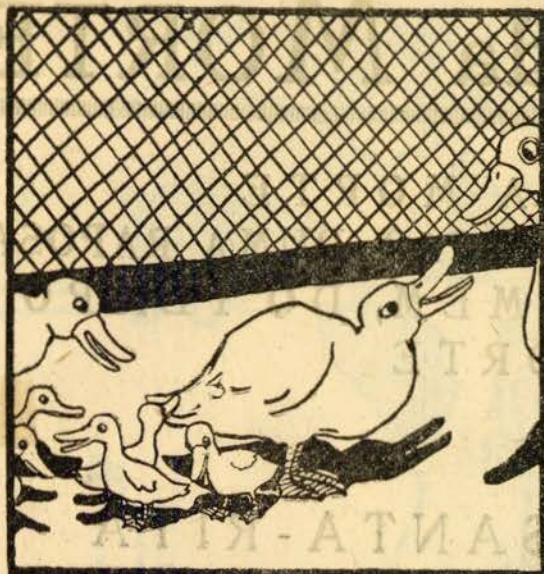
— *«Cuá... cuá... cuá!... cuá... cuá... cuá!... que não me tenho com riso! Mas que filhos tão feios que*



Ora exactamente por essa ocasião, aconteceu que a dona da capoeira despedira, na véspera, a criadinha encarregada

teve a tua patinha! Os nossos, sim!... os que a minha patinha teve é que são lindos! *Cuá... cuá... cuá!...*





Então, o pato marreco, caindo em si, envergonhado por aquela boa lição como castigo à sua vaidosa petulância, sem coragem para responder, foi colocar-se, amuado a murcho, a um canto da capoeira, enquanto o pato ganso, por sua vez, ria a bom rir: — *cuá... cuá... cuá!... cuá... cuá... cuá!... cuá... cuá... cuá!... cuá!... cuá!... cuá!...* que era um nunca acabar de gargalhadas!



Mas nisto a patinha gansa, que era muito mais inteligente que o patinho marreco e adivinhara — (porque as mães adivinham sempre tudo) — o engano que houvera com a troca dos ovos, correu para junto do pato marreco e pôs-se a dizer-lhe num tom repreensivo:

— «Cala-te lá, toleirão! Estás a fazer uma figura ridícula! Pois tu não vês, imbecil, que os meus filhos são aqueles e os teus filhos são estes! Que eu estou sendo a ama dos teus filhos e que a tua patinha é a ama dos meus!»

F I M

# A N E D O T A S

Um polícia pediu em casamento uma rapariga; ela não quiz; e ele então prendeu-a.

— Qual é o crime desta rapariga? perguntou-lhe o comissário.

Resistência à autoridade.

■ ■ ■

Na aldeia:

— Então, sr. abade, a pequena pode ir ao confesso?

— Isso sim! Ela nem sabe que Jesus Cristo morreu para nos salvar!

— Não admira, como a gente nunca lê jornais... eu também não soube que ele estava doente.

■ ■ ■

— Luisinho que tem dois anos apenas, chora porque o mandam jantar na cosinha com a ama. Para o consolar diz-lhe esta: Não chore, meu menino. Em tendo bigodes já come à mesa com o papá.

Nisto o gato da casa salta para cima da mesa, onde o petiz começa a jantar.

Luisinho, muito zangado, enxotando o gato:

— Tu tens bigodes... vai jantar com o papá!

■ ■ ■

— Manuel! Já deitaste outra água na redoma dos peixes?

— Não, minha senhora!

— Então porquê?

— Saberá a senhora que eles ainda não beberam a que eu lhe deitei ontem!

■ ■ ■

Uma mulher pergunta ao marido, que costuma embebedar-se com frequência:

— Mas para que é que bebes tanto, João?

— Cala-te mulher... E' para afogar as minhas penas.

— E consegues afogá-las?

— Qual cabaça! As malditas... sabem nadar!

■ ■ ■

Uma solteirona cai ao rio, e um rapaz apressando-se a salvá-la, grita-lhe:

— Dê-me a sua mão, minha senhora.

— Com muito gosto; mas... falou já com os meus pais?

■ ■ ■

Uma senhora de idade, com vestido bordado, fingindo aranhas, pergunta a um sujeito muito espirituoso, o que tinha ele a dizer a tanta aranha.

— Nada, minha senhora, porque tais insectos são próprios das paredes velhas.

ROMEU HEITOR MENDES FERRÃO,



# A MORTE da MORTE

HISTÓRIA DA MORTE  
DUM RATO, DUM GATO, DUM CAO, DUMA RAPOSA,  
DUM LOBO, DUM HOMEM, DO TEMPO  
E DA MORTE

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA  
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



RA uma vez um ratinho,  
Engraçadinho,  
Espertinho,  
Que era tenente cor'nel  
E tinha num buraquinho  
Redondinho,  
Ao cantinho  
Dum quartinho  
Que dava para um quintal,  
Um pequenino quartel,  
O seu quartel general.



Mal o tenente cor'nel  
Safa do seu quartel,  
Os outros ratinhos todos,  
— (Pelos modos  
Seus soldados, —)  
Logo, de todos os lados,  
Perfilados,

— (Cabos, recrutas magalas...)  
Numa enorme reverência,  
Abrindo formosas alas,  
Lhe faziam continência!



Mas um dia, Rinhánháu,  
Um gatarão, muito mau,  
Que era anti-militarista  
E já lhe andava na pista,  
Pôs-se à porta do quartel  
E muito fulo,  
Num pulo,  
De repente,  
Táu...!  
Engoliu, súbitamente,  
O ratinho,  
Engraçadinho,  
Que era tenente cor'nel!





Com gula,  
De repente  
Crava o dente,  
Sobre o lombo, branco e pardo,  
Dêsse enorme canzarrão;  
E, ai, era uma vez um cão,  
Um lindo cão São Bernardo!

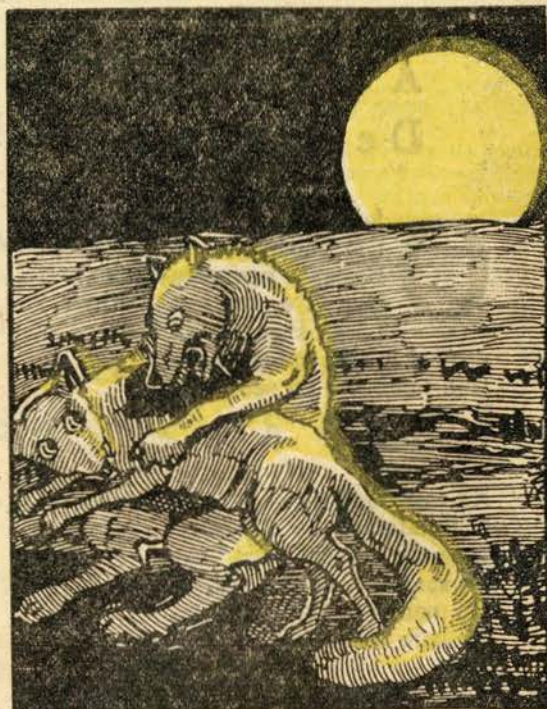
Nisto um lobo que, do escuro,  
Apenas à luz de um astro,  
Espreitava atrás do muro,  
— (Lindo muro de alabastro) —  
O rastro  
Dessa raposa,  
Dá um salto  
Muito alto,  
E num pulo,  
Muito fulo,  
Salta em cima da matreira  
Da raposa,  
Que gulosa,  
Lá de baixo,  
Curiosa,  
Olhava para a parreira,  
A ver se via algum cacho,  
E vai... devora a raposa!

Mas de súbito, — oh! diacho! —  
Vem um homem que era guarda

(Continúa na página 8)

Nisto, um cão,  
Um canzarrão,  
Branco e pardo,  
São Bernardo,  
Que não gostava dos gatos  
E achava gracinha aos ratos,  
Muito fulo,  
Deu um pulo,  
De repente,  
E num bom golpe de vista,  
Ao...!  
Devorou o gatarrão  
Que era anti-militarista!

Entretanto, uma raposa,  
Que era uma grande gulosa,  
Lambareira,  
E andava, muito lampeira,  
A pensar no seu futuro,  
Espreitando uma parreira,  
Que havia lá no quintal,  
Mesmo à beirinha dum muro,  
— (Um muro de pedra e cal) —  
Para cima dêle pula,  
E muito fula,





# GRACIETTE e JAIMINHO



P O R

AUGUSTO DE SANTA-RITA  
Desenho de EDUARDO MALTA

**O** Jaiminho,  
Um bêbézinho  
Bastante pequerruchinho,  
Que vive com seu padrinho.  
Lá na Figueira da Foz;

— (Tal e qual um passarinho  
Que tombasse do seu ninho  
É que após  
Tentasse,  
Saltitasse  
No caminho.) —  
O Jaiminho  
Distante de seus avós,  
De sua mãe, de seu pai,  
De manhã cedinho, sai  
Ao lado da sua aia

E, muito lépido, vai  
Logo brincar para a praia,

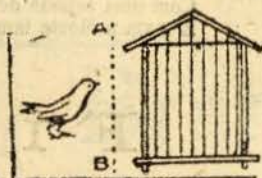
Graciette, a sua amiga,  
Uma linda rapariga,  
— (Que os meninos, com certeza,  
Já conhecem,  
P'los lindos versos que faz,  
Pois tanta vez aparecem  
Neste jornal, de surpresa,  
Entre as poesias que traz) —  
Sua amiga, a Graciette  
Às vezes trata o Jaiminho  
Por anjinho  
E diabrete!

(CONTINÚA NA PÁGINA 7)



# HORA DO RECREIO

## O pássaro na gaiola



O *stereoscópio* é um aparelho de óptica que permite obter a sensação do relevo, vendo cada olho uma imagem do mesmo objecto.

As duas imagens confundem-se por assim dizer, e obtêm-se apenas a visão de um único objecto com o seu relevo.

Eis algumas experiências baseadas sobre este facto da visão binocular, ou *visão simples*, com os dois olhos, e de que o *stereoscópio* é uma das mais belas aplicações.

Desenha-se num bilhete de visita uma gaiola de 5 centímetros de altura, pouco mais ou menos, e um pouco ao lado desta gaiola, um pássaro virado para ela. Aplicando outro bilhete verticalmente entre a gaiola e o pássaro, e contemplando um objecto com cada olho — (para isso é preciso

aproximar o nariz da aresta superior do cartão) — teremos ao cabo de um instante a ilusão de ver o pássaro pôr-se em movimento e penetrar na gaiola.

Em vez da gaiola desenha-se um rosto humano com a boca aberta.

O pássaro, achando-se a muitos centímetros de distância desta figura anuncial que o ides fazer penetrar na boca da personagem ao seu lado desenhada.

Para obter este resultado basta aplicar o cartão contra a ponta do nariz do interlocutor, que pretendeis convencer, e fazer depois com que o cartão descreva um arco de círculo, da direita para a esquerda. Então o observador verá distintamente o pássaro voar para a boca da figura.

# GRACIETTE E JAIMINHO

(Continuação da página 6)

Agora, ao cabo,  
Os meus meninos dirão:  
— «Tal idea não lhe gabo!»  
No que a Graciette diz  
Há decerto um desarranjo!  
Pois o petiz  
Se é anjo não é diabo,  
Se é diabo não é anjo!

Quer rimem ou quer não rimem,  
— (Creiam que não vos iludo!) —  
Não dizem só o que exprimem!

Não!

A intenção  
E' que é tudo!

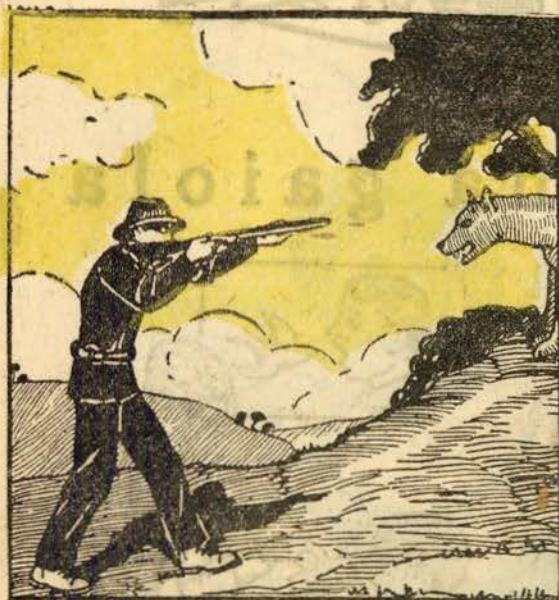
Mas, meninos, atenção:  
— E' que as palavras, contudo,

F I M



# A MORTE DA MORTE

(Continuação da página 5)



E que, armado  
De espingarda,  
Lhe dispara um tiro: — *pum!*

E agora era uma vez um  
Lobo que andava esfaimado!

Passa algum tempo, depois,  
— (Certo dia em certa data) —  
Morto pelo Tempo. — (pois,  
O Tempo a todos nos mata) —  
Súbito morre — (coitado!) —  
O guarda  
Que, de espingarda,  
Matara o lobo esfaimado!

Do que o Tempo inda mais forte  
— (Pois não a vence ninguém!) —

Entretanto vem a Morte  
E mata o Tempo também !!

Mas nisto, desce Jesus  
Dos altos céus, do Além,  
Com uma espada de luz...  
E mata a Morte também !!!

F I M



À venda o IV volume da BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM!

## LANTERNA MÁGICA

Contos maravilhosos por José S. Rau — Ilustrações de Eduardo Malta